



FIGURA 29: Maria Teresa e César

Autora: OLIVEIRA, M.G.R./ 2005

A partir daí, Maria Teresa de Beaumont e Antônio César Rosa começaram a gravar brincadeiras e canções que os educadores lembravam de suas infâncias. Segundo eles, era um saber compartilhado com todo o grupo, pois várias educadoras se lembravam da mesma brincadeira e quando apenas uma se lembrava (o que era mais raro), ensinava para as outras. Assim, incorporaram, em suas práticas, algumas delas e gravaram uma fita de vídeo com essa coleção.

Nós dizíamos que o objetivo era que recuperassem, pela memória, essas canções e brincadeiras, para trabalharem com seus alunos. A finalidade era a de “resgatar” essas canções, hoje esquecidas pelas crianças da geração vídeo-game e computador. Não sei se o faziam, pois nas aulas que acompanhamos, elas – e nós – fomos “obrigados” a cumprir os planos prontos que vinham da coordenação geral, em BH. Hoje, entendo cada vez mais que essa recuperação das canções e brincadeiras de nossas infâncias é muito importante e que faz parte das ações que visam manter as tradições culturais (MARIA TERESA, 2005).

A partir da conversa com esses dois professores, refletimos sobre a presença da mídia na escola - músicas, cadernos, mochilas, tatuagens, tênis, celulares, *pircings*, etc. - e a maneira como isso está constituindo as crianças e os jovens. Nesses tempos de uma pós-modernidade onde tudo é efêmero, descartável, flutuante, nossas identidades, nossos relacionamentos, nossa maneira de agir, sentir, pensar, ser, também se apresentam de modo inconstante e fugaz. No campo da música, por exemplo, a indústria cultural constrói e, brevemente, substitui o gosto musical das

crianças, adolescentes e jovens pelo “É o tchan”, “Egüinha pocotó”, “Dança da motinha”, “Rebeldes”, etc, de maneira passageira e sazonal.

Maria Teresa de Beaumont, amante deste tema, realizou sua pesquisa de mestrado¹ investigando o espaço ocupado pelo ensino de música nas escolas, a quem cabe a tarefa de ministrá-lo e como os processos de formação musical de professores e professoras de musicalização, que atuam em classes de Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, influenciam este fazer.

Constrói sua sustentação teórica refletindo sobre a presença da música de mídia na escola e sua influência na formação das crianças. Segundo ela, não se pode ignorar a presença da música de mídia na escola, impregnada na mente, no corpo, no movimento (a dança), na roupa, no comportamento das crianças e jovens, mas é preciso pensar atitudes alternativas. A esse respeito, há posicionamentos divergentes e conflitantes.

Por um lado, aqueles que informam ser a escola "um ambiente educativo" que deve preocupar-se com "a boa" educação, fechando os olhos e os ouvidos e proibindo a audição de *raps* e *funks* no recreio, por exemplo, porque já “massacram” os ouvidos infantis fora da escola: em casa, na TV, no rádio, na feira, nas lojas, enfim, nos espaços de convívio social freqüentados por todos. Para esses, o repertório próprio para as crianças é o chamado “repertório infantil” ou outro, com músicas que tenham uma “mensagem”, que transmitam algo de bom, de “educativo” para as crianças. Uma autora que defende esta posição é Irene Tourinho².

Do outro lado, estão aqueles que analisam a questão sob o ponto de vista da abordagem sociocultural da educação musical. Em linhas gerais, essa concepção destaca a manifestação – na música – do que ocorre com os grupos que viveram à margem da escola, sem visibilidade. Eles chamam a atenção para o preconceito que, durante anos, afastou da escola qualquer estilo musical que diferisse da música erudita européia, uma espécie de “eurocentrismo” musical. Então, trazer o *funk*, por exemplo, para a escola, é muito mais do que ampliar a escuta ativa dos alunos para outros estilos, gêneros, linguagens; é trabalhar com a cultura da favela, do morro, da periferia, enfim, dos setores economicamente menos favorecidos, a cultura marginalizada e silenciada por

¹ BEAUMONT, M. T. de. **Paisagens polifônicas da Música na escola**: saberes e práticas docentes. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

² TOURINHO, I. **Por que ensinar música de massa na educação escolar?** Revista da Escola de Música da UFBa, n. 23, p. 7-20, 1995.

anos. Cultura essa à qual pertence grande parte dos alunos que, hoje, freqüentam nossas escolas públicas. A autora cita Maura Penna³ como uma das defensoras desta posição.

Mas há um terceiro grupo que parece optar por uma solução de consenso, afirmando nem ser necessário negar a música de mídia na escola e nem, pura e simplesmente, ouvi-la. Para esses, se pode refletir sobre sua audição, fazendo uma análise crítica sobre o conteúdo de suas letras, os termos de “baixo calão”, a agressividade contra as mulheres – “as cachorras”, a erotização precoce da infância. Essas análises obedeceriam ao nível de desenvolvimento dos alunos, considerando que o grau de aprofundamento dependeria da maturidade, bastante diferenciada em se tratando de crianças na educação infantil e de jovens no ensino médio. Mas afirmam ser uma discussão necessária, pois para qualquer uma dessas faixas etárias, os ‘Rebeldes’ são, hoje, ícones a serem admirados e consumidos. Petronilha Beatriz Gonçalves Silva⁴ é citada pela autora como participante deste grupo.

Enfim, recuperar canções, jogos e brincadeiras do passado, próximo e distante, pode colaborar na tarefa da construção da escola e da sociedade do presente e do futuro. Tarefa fácil? Não, na opinião de Beaumont (2003). O primeiro argumento para a audição da música de mídia na escola é por ser aquilo de que as crianças gostam. Mas Subtil (2003, p. 67) lembra que “o gosto musical é construção social e cultural, não um dado natural, não se pode gostar daquilo que não se conhece. Será preciso ampliar o repertório da música na escola e uma parte da dificuldade encontra-se na necessidade de problematizar o gosto musical das professoras”.

Por tudo o que foi dito, sugerimos que os professores das séries iniciais comecem criando grupos musicais entre eles, com repertórios do tipo seresta, músicas infantis de sua infância, músicas populares brasileiras que marcaram época, músicas de raiz, de origem indígena ou africana. Todas apresentam maneiras de ver a vida, pessoas, amores, costumes, lugares e são referenciais da cultura tradicional/história que propomos ver resgatada. Além disso, os professores podem trabalhar com músicas que trazem um conteúdo voltado à Educação Ambiental ligada à expressão do encanto pela natureza e suas formas, cores, aromas, suas peculiaridades e seu valor intrínseco⁵.

³ PENNA, M. **Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa.** Revista da ABEM, Porto alegre, v. 7, p. 7-19, 2002.

⁴ SILVA, P. B. G. Espaços para Educação das relações interéticas. In: SILVA, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 381-396.

⁵ Cf. Anexo 2.

Apresentar às crianças instrumentos musicais que, como a música de raiz, também já não têm espaço em seu repertório tão bombardeado pela mídia, seria outra ação positiva dos educadores. Instrumentos como acordeom, viola caipira, berimbau, atabaque e outros instrumentos de percussão, são, muitas vezes, desconhecidos aos olhos das crianças de hoje. Para isso, a escola poderá acolher tocadores tradicionais, grupos de capoeira, artistas em geral que conservam a cultura instrumental.

Mas, existem outros espaços no mundo da arte onde os professores podem se revelar e começar um trabalho de vivência interior. Por exemplo, a poesia. Imaginemos a escola envolvida em mostras de poesias, com a participação de toda comunidade escolar, educadores, equipe técnico-administrativa, alunos e pais de alunos. Qualquer tema de qualquer área do conhecimento pode ser uma inspiração à poesia. “Malba Tahan, um dos mais importantes educadores brasileiros no campo da matemática, disse, no início da década de trinta, que a solução de um problema matemático é um verdadeiro poema de beleza e simplicidade” (PCN’s-Arte, 2000, p. 35).

O estímulo à poesia é um caminho precioso que pode levar o aluno a ver a realidade por outras vias diferentes da racional, pois ela mexe com o pensamento criativo, sensível e romântico. Para Guedes (1995, p. 48), “a poesia pela utilização duma linguagem transgressiva, desmorona clichês e estereótipos e é indispensável à construção duma criança que mais tarde saiba inventar o homem”.

O fetiche exercido por certos programas de televisão sobre as crianças, constitui matéria preocupante na opinião de muitos professores, pedagogos, psicólogos, pais e mães, educadores em geral. A crítica à substituição de jogos e brincadeiras no quintal pela passividade diante de um aparelho eletrônico, não é mero saudosismo de quem viveu os tempos em que a meninada jogava bola de meia, pulava corda, brincava de roda, de cabra-cega e empinava pipa.

Por outro lado, não há como desconsiderar que os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades lingüísticas, e que, nesse momento, a mobilização das forças do imaginário e dos processos criativos, encontra-se em ebulição. Não aproveitar esse período com muitas ofertas de leituras, incluindo, de maneira especial, o gênero poético, essencialmente lúdico e capaz de despertar o prazer estético, tão necessário na Educação Ambiental, pode constituir um crime, uma vez que as vivências do passado não podem ser recuperadas.

Retomando Gardner (1996), lembramos sua afirmação de que os primeiros cinco anos de nossas vidas nos perseguem o resto da existência. Também são dele as seguintes palavras:

se, em tenra idade, as crianças têm oportunidade de descobrir muito sobre seu mundo e de fazer isso de maneira confortável, exploradora, elas acumularão um inestimável “capital de criatividade”, do qual irão se valer mais tarde na vida. Se, por outro lado, as crianças são privadas dessas atividades de descoberta, empurradas apenas numa única direção, ou sobrecarregadas com a visão de que existe somente uma resposta correta, ou que respostas corretas devem ser oferecidas apenas por aqueles que têm autoridade, as chances de elas criarem sozinhas ficarão significativamente reduzidas. (GARDNER, 1996, p. 28).

Diante disso, acreditamos que a poesia constitui uma forma diferente de ver o mundo. Por meio dos poemas, é possível tornar lúdica a relação com as palavras, e as crianças, se expostas a esse tipo de jogo, surpreendem-se e surpreendem os adultos com suas reações de familiaridade e satisfação no contato com um gênero considerado, muitas vezes, difícil de ser decifrado. Para a professora Maria da Glória Bordini (1991, p. 39-40), “a poesia, para a criança, pode ser a faísca que acende a admiração, a capacidade de surpreender-se, de abrir-se sem reservas para aquilo que não é o ego, ou não está nele contido. Na atitude admirativa verifica-se um sentir uníssono com o real, o qual se permite que seja em plenitude”.

Para a autora, a poesia abre as possibilidades de construção de uma representação mental, não apenas pautada pela incorporação de modelos prontos e acabados criados por meios de comunicação que, embora levem vantagem pelos recursos que lhes são inerentes, não dispõem do potencial capaz de levar a criança à surpresa do mundo. E é essa surpresa do mundo que leva a construir significados que fogem do emparedamento conceitual imposto pelo adulto, geralmente excessivamente preso a certezas imutáveis.

Como exemplo, a autora cita um poema de Roseana Murray (apud Bordini, 1991, p. 45), o qual exemplifica que o aparente ilogismo provoca a desconstrução dos sentidos convencionais, conduzindo a uma nova lógica, a lógica do imaginário:

A lua

A lua pinta a rua de prata
e na mata a lua parece
um biscoito de nata.
Quem será que esqueceu

a lua acesa no céu?

A lua representada no poema não é a mesma encontrada, por exemplo, no verbete dos dicionários, e nem a descrita pelos professores na escola. É uma lua que foge do sentido referencial, assumindo um sentido figurado, capaz de alimentar a fantasia, o sonho, a imaginação, tão próprios da criança.

Tantas coisas nos intrigam na prática escolar equivocada presenciada em muitas escolas! Como não transformar a poesia em atividade cotidiana, se nosso mundo, da porção mais próxima a mais distante, está repleto de belezas naturais que encham os olhos e tocam a emoção? Como mencionamos anteriormente, a visão racional cegou nosso olhar para a sensibilidade, para a emoção, para os sentimentos, e, assim, só se reconhece real aquilo que esta razão admite como verdade. Prova disso, são as aulas fora das quatro paredes da sala. De início, a criança se anima, fica motivada, entusiasmada, até que vem “o balde de água fria”: “anotem tudo pois terão que fazer um relatório para avaliação!” Por que não pedir uma poesia, um desenho livre, uma música, etc, ou simplesmente que observem, sem o caráter avaliativo, de modo a permitir que aquela aula diferente tenha um sentido qualitativo para cada um?

Também acreditamos que deve ser repensada a maneira como se trabalha com a poesia nas escolas, quando isso acontece. Normalmente, depois da leitura de um poema, os professores tiram toda a magia das palavras perguntando: o que significa este poema? O que ele quis dizer para nós? É preciso deixar que o mistério, os sentidos diversos, assim como as crianças, permaneçam como relevantes. É preciso não racionalizar algo que, na essência, não é racional.

Destacamos, também, a difusão das parlendas, versos infantis com rimas, criados para as mais diferentes finalidades, entre elas divertir, a ajudar a memorizar números ou escolher quem deve iniciar a brincadeira⁶, como procedimento metodológico criativo que pode dinamizar a Educação Ambiental.

Como não transformar em nossos companheiros de docência, independentemente da área de atuação, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Thiago de Mello, Rubem Alves e tantos outros poetas? Isto sem falar dos poetas caipiras⁷, como Catulo da Paixão Cearense e seu famoso poema “Flor do Maracujá”⁸.

⁶ FOLCLORE: danças e ritmos do Brasil. Coleção De olho no mundo n. 16. Editora Abril.

⁷ Do tupi *Kai'pira*: homem da roça ou do mato; matuto, capiau. Cf. . www.museudofolclore.com.br. Acesso em 20/11/2006.

⁸ Cf. Anexo 2

Aqui, incluímos os contos, crônicas e os “causos” populares, tão representativos de nossa região e de nossa cultura. Poetas caipiras, cantores legitimamente sertanejos, cronistas, contadores de “causos”, ainda permanecem em nosso meio. Suas histórias de vida, muitas vezes descritas em sua arte, revelam um tempo permeado por valores, condutas, sentimentos e atitudes que muito tem a nos ensinar.

Convoquemos estes artistas para enriquecerem nossa prática docente a, ao mesmo tempo, enriquecerem a vivência dos alunos com raízes culturais. Nossas crianças necessitam de segurança, apoio, preenchimento, sentimento de “ser” parte de uma história e “estar” numa comunidade viva, que corre o risco de desaparecer. Nossas crianças não sabem mais o que fazer com o vazio que carregam na busca unidirecional pelo “ter”. Precisamos virar as páginas da cartilha escolar convencional, para ensinar-lhes uma nova lição.

Um outro caminho significativo do universo artístico e que muito tem a colaborar no empreendimento desta Educação Ambiental que prioriza o repensar de valores, é o teatro. Segundo os PCN's-Arte (2000, p. 83), “a arte do teatro tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão, que a considerava como base de toda a educação natural”.

Imitando com o corpo formas e sentimentos, os pequenos se divertem e desenvolvem suas capacidades de expressão. Os maiores, fazendo teatro em classe ou em grupos amadores, entram na pele dos personagens e delas saem compreendendo melhor a si mesmos e aos outros. Esse jogo com o imaginário ajuda a fazer amigos e a elaborar novas visões de mundo. Ainda, leva a aprender qualquer conteúdo do currículo formal. Vencendo a apatia e valorizando a escola, o teatro ajuda o aluno a ser mais responsável e criativo, pois permite a transgressão por meio da linguagem e visa se contrapor à timidez de crianças e jovens, reforçando a auto-estima.

Pelos PCN's-Arte (2000), dramatizar não é somente uma realização de necessidades individuais na interação simbólica com a realidade, proporcionando condições para um crescimento pessoal, mas uma atividade coletiva em que a expressão individual é acolhida. Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver em um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos nesse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo.

Como não vislumbrar a possibilidade de um mundo diferente a partir de crianças formadas por meio de caminhos como este? Como não acreditar numa Educação Ambiental verdadeiramente transformadora se orientada por metodologias tão nobres? Por que, normalmente, com o passar dos anos escolares, as crianças, que chegam à escola ricas da capacidade da teatralidade, com um potencial e com uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta, acabam perdendo a espontaneidade e a fluência artístico-criativa, tornando-se, aos poucos, pequenos robôs da mídia consumista e individualista? Onde, educadores e pais, estamos errando?

O teatro pode se apresentar de diversas formas. Nas comunidades tradicionais, é comum a apresentação de peças por ocasião das festas religiosas, onde os atores encenam a vida e a trajetória de Jesus e de seus contemporâneos, a vida dos santos, ou alguma história que deixe uma mensagem espiritual. Os folguedos⁹ e a literatura de cordel¹⁰ são matérias-prima para boas obras teatrais. Por meio de uma linha terapêutica conhecida por psicodrama, o teatro contribui para o auto-conhecimento.

Qualquer história pode ser transformada em teatro: historinhas infantis, textos literários, histórias de vida, situações vivenciadas por qualquer pessoas ou grupo. Na escola, sugerimos que os educadores criem grupos teatrais começando por eles mesmos, e que mergulhem em leituras a respeito da origem do teatro, as diversas formas de expressão teatral, buscando peças especificamente escritas para aquele universo¹¹, ou criando textos apropriados a cada realidade, no caso do presente trabalho, peças que discutam os valores humanos em comunhão com a preservação ambiental. Em seguida, que os alunos sejam inseridos aos grupos, sem perder a pareceria com os educadores. O importante é que o momento da apresentação seja visto com a importância que tem, e que toda a preparação – ensaios, figurino, cenários – seja considerada uma fase de crescimento, aprendizado, envolvimento e formação. Mesmo propondo o lúdico, o teatro deve ser encarado com a seriedade de quem realmente se preocupa e quer contribuir com a formação integral das crianças dos anos iniciais e, conseqüentemente, com um futuro mais saudável para o planeta Terra.

⁹ Atividade ritual que se expressa como manifestação coletiva composta de elementos dramático-musicais e coreográficos. As apresentações costumam ocorrer em ruas, praças públicas, terreiros e estádios, especialmente em dias especiais do calendário litúrgico ou profano. Cf. www.museudofolclore.com.br. Acesso em 22/11/2006.

¹⁰ Ou simplesmente folheto, refere-se às publicações populares vendidas penduradas em barbantes. Sem limite para a escolha dos temas, o poeta popular pode integrar o folheto a apresentações musicais ou teatrais. Cf. www.museudofolclore.com.br. Acesso em 22/11/2006.

¹¹ Maria Clara Machado é uma referência como escritora de peças infantis.

É importante que alguém comece, dê o primeiro passo, pois, estamos certos, outros seguirão a idéia. Afinal, o teatro é uma das expressões mais antigas, belas e vigorosas da cultura humana (PCN's-Arte, 2000, p. 85). Ele tem a força do sonho e da fantasia, brinquedo de criança que todo homem (uns menos, outros mais) carrega consigo pela vida afora. De outro lado, a explicação vem do fato de que tais experiências têm quase sempre um final feliz. O teatro não chama a atenção apenas por ser um recurso pedagógico para o ensino de diversas disciplinas, mas, quando proposto, costuma congrega adeptos que se desdobram para montar verdadeiros espetáculos.

O teatro, quando visto como uma metodologia séria e importante, envolve expressão corporal, exercícios de expressão verbal, jogos dramáticos e improvisação. Nele, a criança pensa, cria e recria sua própria vivência, que, segundo nossa idéia, pode ter como norte os saberes culturais de outros tempos que, para elas, é uma “novidade” carregada de sentido histórico. As transformações no espaço geográfico, nos hábitos culturais, na alimentação, vestuário, meios de transporte, etc. tudo pode ser re-visto e refletido pela linguagem teatral.

No ano de 1996, participamos do Projeto Toc-Toque, que, por meio do teatro de rua, apresentava peças com conteúdo direcionado aos jovens. A proposta era trabalhar um tema por ano. No ano de 1996, escrevemos o texto da peça *O Momento Certo*, que tratava do tema gravidez na adolescência, além de ajudar na direção e na montagem da peça. O projeto era desenvolvido por um grupo de jovens da Capela do Divino Espírito Santo, bairro Maria Eugênia, e foi pensado por um americano, Dominc Gelles, que estava em missão no município de Araguari/MG. Todos os domingos à tarde, o grupo montava o cenário em um bairro e convidava os moradores para conhecerem o projeto. O nome do projeto ilustrava o sentido do mesmo: TOC, de bater à porta, e TOQUE, de tocar os jovens para pensarem sobre os temas sugeridos. Em 1997, nos desligamos do projeto por de ter iniciado o Curso de Especialização em Ecologia e Meio Ambiente (UFU), mas o grupo continuou por mais dois anos/temas: drogas e conscientização política.

Falando em expressão corporal, a dança é uma parte da cultura humana que sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. É comum lermos e assistirmos nos filmes que retratam a vida dos povos originários, a inclusão da dança nos mais diversos momentos da vida comunitária, desde a dança da chuva, do sol, do lamento pela morte de alguém, ou da alegria por alguma conquista. Além disso, não podemos esquecer as danças de

origem africana, marca profunda que caracteriza nossa cultura, com destaque para a Congada, movimento religioso oriundo da cultura negra e que tem como ponto forte um tipo de dança conhecido por *Moçambique*¹².

Participando de alguns momentos festivos na Associação Nova Esperança, percebemos como é uma comunidade “dançante”. Neles, tudo pode faltar – bebidas alcoólicas, comidas requintadas, decoração, etc –, mas a dança está sempre presente.

Dançar é soltar o corpo, os movimentos, a energia, as expressões, e, por que não?, a personalidade, a visão de mundo e os pensamentos. Normalmente, pessoas com profundos problemas psicológicos, têm dificuldade de dançar, pois, ao fazer isso, se soltam e se vêem impelidos a soltar também o que os prende, os amarra. Como o psicodrama, a biodança é um método terapêutico dirigido a quem deseja se auto-conhecer e se desvencilhar de energias do passado que amarram as ações do presente.

Pelos PCN's-Arte (2000), a ação física é parte da aprendizagem da criança. Essa atividade, necessária para o seu desenvolvimento, é permeada pela curiosidade e pelo desejo de conhecimento. Por isso, é importante que a dança seja desenvolvida na escola com espírito de investigação, para que a criança tome consciência da função dinâmica do corpo, do gesto e do movimento como uma manifestação pessoal e cultural. Interessante observação encontramos na página 69: “não é necessário que as aulas sejam acompanhadas por estímulos sonoros criados, pois no silêncio existem ritmos (internos e externos) que podem e devem ser explorados” (PCN's-Arte, 2000, p. 69).

Voltando aos saberes tradicionais, os educadores podem retomar ritmos dançantes de sua juventude, mostrando aos alunos o que foram a valsa, o bolero, e outros, além de destacarem a importância dos bailes, saraus, eventos essenciais à vida social. Mais recentemente, a dança dos anos 1960, a discoteca em 1970, até ressaltar os ritmos atuais, provocando uma reflexão a respeito da erotização que permeia muitos estilos, como vimos no tema “música”.

Em um dado semestre (2003/2), fizemos um trabalho com uma turma do curso de Pedagogia, em que os grupos deveriam apresentar números de dança inspirados em movimentos observados na natureza. Acreditamos que foi um dos trabalhos mais belos e emocionantes que já presenciamos em nossa prática docente. As alunas fizeram um trabalho teórico de pesquisa a

¹² Cf. www.museudofolclore.com.br. Acesso em 23/11/2006.

respeito da dança e seus vários estilos, e também um trabalho de observação em campo. Escolheram músicas cujo ritmo se harmonizava com o número de dança criado.

Foram apresentações brilhantes. Um grupo dançou o movimento dos galhos mais altos de angicos num pequeno bosque desta espécie encontrado numa mata nativa próxima à cidade; outro grupo dançou o vai-vém das formigas levando pequenos objetos para o formigueiro; outro, dançou o movimento das águas de um rio do município; e outro representou, em sua dança, o movimento dos animais fugindo do fogo das queimadas. Como aprendemos naquele dia!

Ao conjunto que engloba pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial, fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação e as diversas performances, os PCN's-Arte denominam artes visuais. Como parte da dinâmica escolar, requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiência de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimentos e produção artística pessoal e grupal.

É comum a prática do simples colorir desenhos mimeografados ou xerocados pelos alunos dos anos iniciais. Os desenhos vêm prontos, e os alunos desenvolvem apenas a habilidade motora. Como a escola perde seu precioso tempo priorizando atividades unidirecionadas! Criar e perceber formas visuais implica trabalhar freqüentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos nas imagens, dão origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos como conhecimento e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, conforme seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-la permitam. O aluno também cria suas poéticas, onde gera códigos pessoais. (PCN's-Arte, 2000, p.61-62).

Propomos aos educadores que dêem asas à sua criatividade e produzam materiais didáticos utilizando-se das artes visuais, além de estimularem as crianças a se expressarem por esse caminho. Sempre alertamos nossos alunos de metodologia, os quais, ao final do semestre, apresentam belas aulas com material didático preparado com capricho e dedicação, a respeito da necessidade de não perderem esse cuidado, sobretudo quando estiverem frente a uma turma de alunos reais.

Trabalhando com papel e lápis de cor, argila, giz, cola, retalhos, folhas de jornal e revista, embalagens recicláveis, os alunos podem criar trabalhos de qualidade, ao mesmo tempo em que aprendem conteúdos e valores. Destacamos uma experiência desenvolvida por nós, ao lado da professora Maria Teresa de Beaumont, neste segundo semestre do ano de 2006: a “Bandinha do 2.º R”¹³.

Alunas dos terceiro e quarto períodos do curso Normal Superior da UNIPAC/Araguari, sob nossa orientação, construíram instrumentos musicais com embalagens descartadas, e prepararam músicas do folclore local e do repertório popular, as quais têm sido apresentadas em vários eventos na própria Universidade e fora dela. Os instrumentos feitos com sucata reaproveitada mostram o potencial escondido em elementos que, por vezes, julgamos inúteis. Foram confeccionados os seguintes instrumentos: tambores, clavas, paiás-de-chaves, reco-recos, guizos, chocalhos, violas, pandeiros, paus-de-chuva, coquinhos, harpas.

Em nossa última apresentação (I Simpósio de Letras e Educação da UNIPAC/Araguari, início de novembro de 2006), muito nos emocionaram as palavras da professora Sandra Diniz Costa, doutoranda em Lingüística pela UNESP de Araraquara/SP, palestrante da noite, quando comentou¹⁴:

como admiro a simplicidade. Como é simples repensar a escola. Com um amontoado de objetos que provavelmente estariam poluindo um ambiente qualquer, essas educadoras e futuras educadoras nos tocaram profundamente esta noite. Pelo requinte? Não, pela simplicidade contida naquilo que a sociedade, hoje, considera “sem valor” e pela simplicidade das canções, linguagem universal de emoção humana. Mas, sabem o que mais me chamou a atenção nesta apresentação? A alegria do grupo. Como elas estavam alegres! Certamente, ao lançar mão destas sucatas, transformando-as em instrumentos musicais, quem primeiro se transformou foi cada uma destas pessoas. A alegria de vocês nos contagiou. Vocês estão de parabéns. (palmas).

Salientamos que algumas alunas componentes da bandinha, estão sendo preparadas para levarem a idéia, em forma de oficina, às escolas interessadas, como parte das propostas do futuro projeto trans-disciplinar O CERRADO NA ESCOLA, o qual comporá as atividades do Núcleo de Estudos em Educação Escolar da UNIPAC/Araguari, citado anteriormente.

¹³ O nome “2.º R” se refere aos 3 R’s do tratamento de lixo: Reduzir, Reaproveitar, Reciclar. Como os instrumentos foram confeccionados com sucata reaproveitada, o nome da banda se refere ao 2.º R.

¹⁴ Retirado de uma gravação amadora feita pela aluna Ana Cristina Coelho Gelles do Curso de Letras.

5.2.2- Chá do afeto

Esta ação metodológica que agora propomos, busca aliar o uso de plantas medicinais à aproximação afetiva entre aluno e os educadores que o acompanham: professores, supervisores educacionais, diretoras, etc. Um mundo verdadeiramente sustentável pode começar por gestos simples de acolhimento à criança carente, rejeitada ou desrespeitada em sua lógica infantil, que, posteriormente, se revelará um adulto equilibrado, sensato, centrado e, certamente, mais feliz.

Ainda é nítida em nossa lembrança uma conversa com o amigo Frei Rodrigo, já conhecido dos leitores, quando nos dizia que a terra prometida citada nos primeiros livros do Antigo Testamento, seria uma terra onde corre leite e mel: o *leite* seria o alimento material e o *mel*, o alimento emocional, sendo que ambos são fundamentais para o pleno crescimento do ser humano. Para resgatarmos as possibilidades de um mundo mais justo social e ambientalmente, dependemos, cada vez mais, de homens e mulheres plenos, resgatados em sua inteireza e em sua complexidade, nutridos por leite e por mel.

A população que procura as escolas públicas é composta, geralmente, por pessoas de baixo poder aquisitivo. Muitas crianças, nestes espaços, chegam carentes de elementos materiais e também de atenção e carinho. Em nossas visitas às escolas, presenciamos algumas situações que demonstram a frieza com que muitos professores se dirigem aos alunos, numa postura arrogante, como se quisessem se “defender antes que pudessem ser atacados pela tão temida indisciplina”. Assim, como que munidos de um escudo emocional, passam o ano letivo mantendo uma distância estratégica, perdendo oportunidades de criarem laços afetivos que, ao final, beneficiariam a todos.

No *site* do Instituto Akatu¹⁵, organização não-governamental que discute o consumo consciente, encontramos um *link* que sugere: “consuma sem cuidado tudo que brota do coração”. A idéia é mostrar que se, por um lado, devemos mudar nossos hábitos de consumo para preservar os recursos da Terra, por outro, podemos e devemos gastar, sem medida, nosso potencial solidário, afetivo, amigo e companheiro, pois estas são práticas que se retro-alimentam justamente pelo uso constante.

Assim deveriam ser os educadores: afetivos, amorosos, interessados naquilo que os alunos têm a dizer, lembrando que, no contexto da sala de aula, cada aluno é único, traz experiências

¹⁵ www.akatu.org.br. Acesso em 25/11/2006.

pessoais intransferíveis, necessita ser visto, também, em sua individualidade. Inegavelmente, a família é a primeira figura que ensina na vida da criança, inclusive ajudando-a a construir sua auto-imagem, pois percebemos que, na escola, a forma como o aluno aprende e se relaciona como o objeto de conhecimento, tem a marca deixada por ela.

O contato familiar, presente desde os primeiros dias de vida da criança, exerce uma forte influência em sua formação, seja pelo afeto demonstrado ou por sua falta, pelo carinho do acolhimento ou pela indiferença, pela atenção amorosa ou pela ausência provocada por outras prioridades do mundo materialista. Porém, este fato não responde a todos os desafios da problemática da indisciplina. Os educadores têm um papel importante a ocupar na formação emocional do aluno, independentemente de sua realidade familiar, é o que acreditamos.

O fato é que muitos alunos chegam à escola com medo, insegurança, timidez, auto-estima comprometida, falta de estímulo, sentimentos que, muitas vezes, se revelam por meio de problemas físicos: dor de cabeça, dor de barriga, dor no peito, etc. Diante desta situação, normalmente as escolas recorrem a uma caixa de primeiros socorros, encerrando aí sua participação. Porém, muitas vezes, o problema é recorrente e precisa ser olhado com mais atenção, pois pode se tratar de uma doença física mais séria, ou de uma “doença” emocional crônica.

Por isso, sugerimos que as escolas mantenham uma horta com plantas medicinais, pois, assim, enquanto instituem e divulgam a cultura milenar da fitoterapia, também podem fazer dos sintomas físicos da carência, espaços para os educadores se aproximarem afetivamente dos alunos, colocando-os no “colo”, estendendo-lhes a “mão”, abraçando-os por inteiro, inclusive os sentimentos que os incomodam, entristecem e adoecem. Isto é possível e, para que aconteça, os professores não precisam e nem devem perder sua autoridade.

Em outros momentos, com toda a turma numa roda no galpão, ou mesmo na sala de aula, os professores podem levar os chás de ervas e falar sobre elas, distribuir entre os alunos, contar histórias de suas vidas ou de outras pessoas que, antigamente, usavam as plantas como remédios; falar dos raizeiros e das benzedeiras, figuras tão características de nossa cultura; levá-los para conhecerem, de perto, as plantas medicinais do Cerrado, ao lado de um raizeiro, por exemplo.

Creemos que a energia das ervas ao lado da energia da ternura, conquistarão definitivamente os alunos como seres inteiros, físicos e emocionais, dando-lhes condições para enfrentarem melhor os desafios que aparecerem.

5.2.3- Educar, amar e orar: a fórmula certa

Um outro aspecto que em nossa concepção de Educação Ambiental, tem caráter primordial, é o exercício da espiritualidade, independentemente da diversidade religiosa existente entre os alunos. Como também foi trabalhada no capítulo 4, a dimensão espiritual nos mantém abertos para aceitar nossa conexão à fonte universal do amor, Deus, que tudo transforma quando o deixamos agir em nossas vidas.

Várias são as concepções de Deus difundidas por meio das várias correntes religiosas, que, por sua vez, se perpetuam seguindo uma série de dogmas, preceitos, hierarquias, catecismos, livros sagrados, encíclicas, etc. Deus, o nome que particularmente adotamos em função de nossa tradição religiosa, então, passa a ser conhecido por variados nomes como Javé ou Jeová (algumas Igrejas Evangélicas), Lei Mística (Budistas), Baba (Raja Yoga), Obatalá ou Olorum (candomblé), as diversas figuras de Deus entre os povos originários, dentre outros.

Nosso objetivo não passa pela preferência ou pela crítica a qualquer forma de culto a Deus, e nem mesmo pela discriminação àqueles que são ateus, mas se concentra na proposta de que a escola cultive, cotidianamente, estratégias de acesso a essa energia pura, que sobrepõe a vida terrena desde o início dos tempos, e que, por meio de pessoas que por aqui passaram, deixou parâmetros de convivência que têm como fundamento o “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Segundo Boff (1996, p. 66), “Deus mostrou que, seguindo Sua lei, andando em Sua presença e fazendo-se amigo de Deus, o ser humano se re-liga a tudo e vai construindo com o Criador o que o redime: o paraíso tão almejado”.

Palavras como “amor”, “Deus”, “oração”, “fé”, e expressões como “vai com Deus”, “se Deus quiser”, “graças a Deus”, foram se esvaziando de significado à medida que o espaço existencial humano foi sendo ocupado pela preocupação em *ter mais*, em *fazer mais*, em *mais se mostrar habilidoso na arte de ter sucesso material*. Deus nos chama a viver o amor, e isto está longe de ser algo desprovido de sentido. Ao contrário, amar, muito mais que um sentimento, é uma atitude, é comportamento, é maneira de agir e de reagir diante das pessoas e de situações. Portanto, ver o amor como algo além de um sentimento, é provocar uma profunda mudança paradigmática pessoal, e quem a aceita como um desafio, passa a ser um profeta do mundo novo porque foi capaz de construí-lo em sua própria vida.

Estes “profetas do mundo novo”, porém, não se contentam com seu bem-estar pessoal apenas, pois sabem que a atitude egocêntrica de se fechar em seu mundo particular, não edifica a Terra como lar comum a todos. Leonardo Boff (1996), em sua obra “Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres”, se refere ao Sistema Solar como “a cidade cósmica dos seres humanos”, e o Planeta Terra como “nossa casa comum”, e, nesta complexidade universal, somos chamados a:

transformar todas as experiências e conhecimentos num ato de amor, quer dizer, num ato de acolhida e afirmação do universo, numa entrega desinteressada ao outro e numa abertura ilimitada ao Mistério, que as religiões convencionaram denominar Deus. Ou também pode negar-se a isso tudo, viver um projeto de rebelião contra o sentido do universo e secundar atitudes de exclusão. Eis a grandeza e a tragédia humanas. (BOFF, 1996, p. 98).

Portanto, nosso quarto chamamento aos educadores é para que abram canais de acesso à potencialidade revolucionária da fé em suas vidas e, ao mesmo tempo, que permitam que ela se estenda à sua vivência docente. A partir da reflexão feita por nós no capítulo 4, tomando como referência a vivência dos povos tradicionais, percebemos que a espiritualidade é um legado transmitido de geração a geração, como uma herança repassada aos membros de uma família. Mas, também como os membros de uma família, cada pessoa é diferente e tem o livre arbítrio para dar destinos diferentes à sua parte da herança. Também nós somos assim. Podemos abrir mão desta herança, deste tesouro, ou colocá-lo num lugar de destaque em nossas vidas.

Convidamos as escolas a conhecerem a obra de Gabriel Chalita (2005), *Educar em oração*, importante material para quem deseja iniciar esta prática no ensino formal. Para o autor, “a verdadeira Educação só acontece num clima de amor, e nós, educadores, precisamos ser cada vez mais adestrados nesse amor que significa tomar decisões” (CHALITA, 2005, p. 13). A obra contém diversas orações referentes especificamente à realidade das escolas: oração do educador, do aluno, da formatura, do diretor, do conhecimento, etc.

O grande diferencial entre o amor de que trata Chalita (2005) e o amor propagado pela mídia, especialmente as novelas, é que o primeiro é o resultado de uma parceria. Nela, o educador e Deus se unem e dessa união resulta a obra mais humana e mais divina: a educação, capaz de fazer homens e mulheres novos para um mundo novo. Por isso, em sua opinião, “nós, educadores, devemos ser homens e mulheres de oração, e, se não soubermos orar, é urgente aprender” (CHALITA, 2005, p. 13).

Orar é praticar essa parceria com Deus, é dividir com ele nossas angústias diante de situações que não podem ser resolvidas por meio de recursos puramente humanos, limitados. A música *Deus conseguirá*¹⁶ (Pe. Zezinho, sjc, 1998) reforça nossa idéia ao concluir:

e quando se acabarem as palavras, e quando não deu certo o que era humano. E quando se esgotarem os discursos, e já não adiantar nenhum recurso. E quando eu tiver feito o que é possível, e quando fazer mais for impossível. Então descansarei bem mais tranquilo. Então meu coração se lembrará: confia no Senhor, procura o ombro dele que ele é Pai. Confia no Senhor, se não conseguiste, Deus conseguirá.

Várias situações no cotidiano da escola poderiam ser melhor resolvidas se as pessoas mantivessem acesa a chama da oração, da fé, da lembrança constante de Deus e de suas orientações fundamentadas no amor. Quando menos esperamos, chega o momento em que é preciso pensar no modo como agimos, lembrar situações, reconsiderar alguns pontos, voltar atrás, buscar reconciliação ou simplesmente constatar que tomamos a atitude correta no momento certo ou não. Refletir, ponderar, pedir de Deus ajuda para ser melhor. Tudo isso é orar.

O mais importante de tudo isso, é levar os alunos a sentirem que Deus não está na Igreja ou no céu distante, mas em nossas vidas, em nossos sentimentos, em nossas escolhas, e isto se faz por meio de gestos e atitudes, principalmente.

Bia Bedran (2006) escreveu um livro infantil cujo título é *Deus...*¹⁷. Nele, a autora mostra crianças vivendo várias situações diferentes (fazendo prova de Geografia sem ter estudado, olhando o pôr-do-sol pela janela do carro do pai numa viagem, fazendo experiências na aula de Ciências, estudando sobre o fundo do mar, pensando sobre a criatividade dos artistas, etc), e encerra dizendo:

então, Deus, você fica escondido entre as coisas e as pessoas, e a gente sente Sua presença quando você dá alguns sinais. Nos olhos de um amigo, na paciência da professora, numa música, num beijo, num abraço, numa saudade, num arco-íris, numa praia limpa, numa coragem de enfrentar o medo, num brinquito novo, numa reza, num trabalho que se faz com carinho e esforço, numa viagem, no dia e na noite, no tempo que passa sem nunca parar. Por isso, Deus, acho que em vez de perguntar: “Você acredita em Deus?”, as pessoas deviam fazer uma outra pergunta: “Você *sente* Deus?” (BEDRAN, 2006, p. 30).

¹⁶ CD Canções para quem não sabe rezar. Gravadora Paulinas, 1998.

¹⁷ Cf. Anexo 2.

Vários são os caminhos para implementar esta ação na escola, mas elas só terão sentido se os educadores estiverem vivenciando a experiência da oração primeiramente em suas vidas pessoais, pois maneiras mecânicas de orar e imagens equivocadas de Deus já são propagadas em muitas escolas e, acreditamos, elas nada transformam. Talvez a escola deva começar pela mudança na maneira de conviver, o que mostra a disposição pessoal de cada pessoa ali presente de se abrir ao amor de Deus como referência neste “viver com”.

Praticar a doçura e a sinceridade nas palavras entre os colegas de trabalho que tudo podem falar sem ter que recorrer à crueldade; praticar o carinho e a delicadeza ao se dirigir aos alunos, sem, contudo, perder a autoridade, as palavras firmes em momentos estratégicos; praticar a ética em todas as relações, inclusive nas relações com os recursos naturais utilizados na escola; praticar o reencantamento do olhar para os seres da natureza diferentes de nós, expressões do amor de Deus na Terra, eliminando das falas dos educadores o discurso antropocêntrico utilitarista; praticar a oração como caminho “pedagógico” cotidiano, além da quietude, da reflexão, da meditação¹⁸, por meio de músicas que desacelerem a energia dos alunos e os levem a entrar em contato com seus pensamentos e conflitos, passo importante na busca da paz interior; conhecer a história das religiões – sem desconsiderar as contradições – e dos grandes mestres espirituais que marcaram a trajetória humana, ressaltando suas mensagens sempre presentes; conhecer o trabalho das benzedadeiras e influência na sua história da região.

Enfatizamos que esta proposta está longe de querer discriminar quem quer que seja. Ela é uma sugestão que pode e deve ser adaptada a cada situação escolar em particular. Antes de qualquer coisa, o amor de Deus faz de nós pessoas que amam incondicionalmente, e esta é uma condição importante na preservação da Terra, pois se contrapõe à lógica do individualismo, do apego à matéria, da guerra e da devastação ambiental. Também não acreditamos na experiência espiritual como “ópio do povo”, maneira de nos calar e sufocar. “Deus dá a nostalgia pelo voo. As religiões constroem gaiolas. Quando o voo se transforma em gaiolas, isso é idolatria” (ALVES, 2005, p. 9).

Para Rubem Alves (2005), as religiões são instituições que pretendem colocar numa gaiola o pássaro encantado, e não percebem que o pássaro que têm nas suas gaiolas de palavras é um pássaro empalhado. Por isso, no Antigo Testamento era proibido falar o nome de Deus. Hoje, ao contrário, os religiosos não só falam o nome sagrado como também escrevem tratados

¹⁸ Cf. GOLEMAN, D. A arte da meditação. Tradução de Domingos DeMasi. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 98p.

de anatomia e fisiologia divinas, e proclamam que o pássaro só pode ser encontrado dentro de suas gaiolas. Assim define as religiões:

religiões: uma enorme feira onde se vendem pássaros engaiolados de todos os tipos. Os hereges que as religiões queimam e matam não são assassinos, terroristas, ladrões, adúlteros, pedófilos, corruptos. Esses são pecados de um pássaro engaiolado que precisa ser curado pelo perdão e pelos sacramentos. Os hereges, ao contrário, são os pássaros que recusam as gaiolas de palavras que os prendem, que falam palavras proibidas. Para esses não há perdão. (ALVES, 2005, p. 10).

Em outra obra do mesmo autor, encontramos estas palavras que dizem do perigo de transformarmos a religião, ou a imagem de Deus, numa maneira de limitar nossas potencialidades, de cairmos no conformismo de uma vida pobre em riscos e repleta de medos e frustrações. Deus é o desconhecido que nos convida a desafiar os obstáculos, garantindo que sempre estará ao nosso lado por meio da fé.

Deus deu aos homens a terra firme, as lagoas e os mares mansos. Mas o mar absoluto, esse ele deu ao perigo e ao abismo. Então, o jeito é só navegar no marzinho sem perigo e sem abismo! Pode ser. Mas aí o olho da gente fica feito olho de boi, parado, nada vê, e quando vê fica assustado. Deus é perigo, é abismo. Mora no grande mar. Por isso que é só nele que se espelha o céu. Quem viu o céu espelhado no abismo e no perigo esse terá, para sempre, no olhar, o brilho da eternidade. (RUBEM ALVES, 2000, p. 45).

Nós educadores, detentores de uma vivência maior, podemos, sem interferir na cultura religiosa de nossas crianças, criar uma atmosfera de fé, amor, solidariedade, paz e respeito na escola, mostrando a face de Deus em todos os acontecimentos, e, acima de tudo, ensinando que Deus não nos quer “engaiolados”, limitados, amedrontados, mas livres, sonhadores, empreendedores de um mundo novo que começa em nossa ousadia de fazer a diferença.

5.2.4- É hora da história: experimentando emoções

Nas escolas que acompanhamos em nossa pesquisa, os professores contam histórias periodicamente e seguem mais ou menos o mesmo padrão: lê-se a história e, a partir dela, muitas atividades são propostas, como, por exemplo, sublinhar as palavras desconhecidas, as que começam com determinada letra, fazer um círculo nisso, um quadrado naquilo, etc. Algumas vezes acontece de, ao final, os professores proporem que os alunos pensem sobre a mensagem da história. Neste tipo de prática, percebemos que não há uma preocupação em deixar que a história seja o tal “pó mágico” que entre nas veias dos alunos indo até o coração, estimule a atividade dos

neurônios mobilizando fortemente seu imaginário, crie condições – tempo e espaço – para que os conceitos internos sejam questionados, colocados em xeque, transformados, enfim.

Diante dessa realidade, é muito comum encontrarmos pessoas que, por terem o dom de contar história sem esse caráter técnico-disciplinar, se destacam como Contadores de História, os quais, via de regra, não são professores do ensino formal. Vez ou outra, os mesmos são convidados para irem às escolas se apresentarem aos alunos, passando a idéia de que contar história de forma lúdica, prazerosa, sem o compromisso com as tais atividades curriculares posteriores, não é parte da “aula”. Para os professores, este fato representa, muitas vezes, uma forma cômoda de abrir mão do esforço de ter que se mostrarem mais soltos, descontraídos, alegres, imitando vozes, fazendo gestos, se envolvendo e interagindo com a turma, contrariando o padrão estabelecido.

Portanto, sugerimos que os professores comecem a pensar na possibilidade de ocuparem este espaço na escola. O texto de Nietzsche, ao mesmo tempo em que pode servir para uma auto-reflexão dos educadores que desejam passar por estas metamorfoses do espírito, também pode ser um dos materiais para o início da prática da leitura de histórias que propõem um “filosofar” a vida. Sugerimos, igualmente, que as escolas convidem regularmente pessoas mais velhas, pais, mães, avós, avôs, tios, vizinhos da escola, que possam contribuir nessa atividade, falando de seu tempo – histórias reais – e contando histórias que guardam na memória. E, também, que não descartem a presença dos Contadores de História, os quais podem enriquecer ainda mais estes momentos.

Queremos destacar, neste item, a importância de trabalharmos cotidianamente as lendas do folclore brasileiro, ricas histórias que nos falam de valores e vida natural.

Desligadas do caráter de meros instrumentos mecânicos de repasse de conteúdos, acreditamos nas histórias como detentoras de um grande poder sinérgico nas crianças, que podem, estimuladas pelos educadores, mexer com as emoções dos alunos, desenvolvendo a sensibilidade, a espontaneidade, a criatividade e muitas outras habilidades próprias da criança, caminho que poderá evitar que futuros adultos tenham que passar pelas metamorfoses do espírito, pois não perderam, ao longo da caminhada da vida, o espírito de criança.

No anexo 2 deste trabalho, foram citadas algumas histórias selecionadas por nós que, acreditamos, podem colaborar na busca do resgate de valores.

5.2.5- Natureza: reorientando nosso olhar

O ovo não cabe em si, túrgido de promessa, a natureza morta palpitante. Branco tão frágil guarda um sol ocluso, o que vai viver espera. (...) Nada está morto. O que não parece vivo aduba. O que parece estático espera. (ALVES, 2004, p. 35).

Todo o esforço deste trabalho está concentrado no fim último de criar, entre nós seres humanos, um novo olhar para a vida: a vida construída em nossas subjetividades, a partir de cada passo dado até onde nos encontramos hoje, e a vida universal, geradora da primeira, a qual inclui a ligação profunda e permanente com todo o cosmos. Sabemos do imenso desafio que isso representa, mas, ao mesmo tempo, não temos a pretensão de que tudo aconteça como num passe de mágica. Contentamo-nos com a alegria e com a simplicidade das espécies “pioneiras” que, numa sucessão ecológica natural, são aquelas que crescem rapidamente, construindo um ambiente propício à germinação das sementes de espécies “mais nobres”. Cumprida sua função, as pioneiras se aquietam realizadas, vendo suas irmãs buscarem, cada uma a seu tempo, o espaço que lhes cabe. As pioneiras, certamente, não verão o clímax dos biomas dos quais permitiram a existência, mas, nem por isso, deixam de fazer a sua parte.

Tantas possibilidades pedagógicas nos dá a poesia escondida na dinâmica da natureza, e, nesta última parte de nossa proposta, queremos enfatizar a importância de nos referirmos a ela sem os resquícios do antropocentrismo. Outra tarefa difícil, cremos, pois cada educador foi treinado a ver cada animal, cada planta, cada ser vivo em geral e todos os recursos naturais como mercadorias de uma loja, úteis ao nosso conceito de bem-estar e conforto material. Mas, como ocorreu ao longo de todo o trabalho, pensamos que é preciso uma escolha de cada educador para que novas atitudes mostrem que ainda há vida pulsando nas escolas.

Nossa proposta de priorizar a dimensão *educacional* da Educação Ambiental, não descarta a dimensão *ambiental*, mas sugere que ela mude radicalmente de repasse de conceitos – papel importante e fundamental da Ecologia –, como temos visto, a um olhar de respeito à diversidade biológica e aos fenômenos naturais. Que a imagem da natureza mude, em nosso imaginário, de um supermercado de produtos, para uma fonte inesgotável de inspiração, de preenchimento, de significado, de história, de obras de arte.

Duas obras são fundamentais, a nosso ver, para indicar, na prática, como se daria esse momento de nossa proposta nas escolas: *A vida secreta da natureza: uma iniciação à Ecologia Profunda*, de Carlos Cardoso Aveline, e *A música da natureza*, de Rubem Alves.

Recomendamos estas leituras a todos os educadores que desejam instituir esse “novo olhar” para a natureza, como sustento a uma nova postura em sala de aula. Sua importância está, sobretudo, na referência ao Cerrado, bioma que aqui nos abriga, como fonte inspiradora das obras. Uma linguagem poética e extremamente agradável nos conduz por textos como *A música das estrelas*, *O ninho*, *Pastoreio*, *Campos e cerrados*, *Fraternidade universal e cidadania*, *A ecologia do universo*, *A assembléia geral de todos os seres*, *Percebendo o lugar onde vivemos*, dentre outros.

Para mostrar nossa preocupação com a visão utilitarista dos seres e recursos naturais, aprofundada no capítulo 3, a qual pode estar contribuindo com a devastação da Terra, abaixo colocamos a íntegra de uma crônica *Da utilidade dos animais*¹⁹, de Carlos Drummond de Andrade, a qual retrata a realidade de muitas salas de aula:

primeiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. “É preciso querer bem a eles”, diz a professora com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. “Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo do homem? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.” “E aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?” “Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pêlo se fazem perucas bacaninhas. E a carne, dizem que é gostosa.” “Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?” “Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.” “Ele faz pincel, professora?” “Quem, o texugo? Não, ele só fornece o pêlo. Para pincel de barbear também, aquele que o Arturzinho vai usar quando crescer, não é?” “Não, professora, pretendo usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo. Devemos gostar dele.” “Vamos mudar de assunto? Bolsas, malas, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando na carne. O canguru é utilíssimo.” “Vivo, professora? Ou morto?” (silêncio). “A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou, por outro lado, com o pêlo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores, etc.” “E depois a gente come a carne da vicunha, né, ‘fessora’?” “Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha que torna a crescer...” “E a gente torna a cortar? Ela não tem sossego, ‘tadinha’!” “Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabiam?” “A carne também é listrada”, pergunta Betty? (todos riem). “Não riem da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disso. Ah! O pingüim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento – não sabem o que é? – o cocô do pingüim, é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo com a gordura do pingüim...” “...mas a senhora disse que a gente deve respeitar!!!” “Claro. Mas o óleo é bom.” “Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa”. “Pois lucra. O pêlo dá escovas de ótima qualidade.” “E o castor?” “Quando voltar a moda do chapéu para os homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar um bom exemplo”. “Eu, hein!!!!” “Dos chifres do

¹⁹ Revista Ecologia Integral, ano 6, n. 28, p. 29.

rinoceronte, Bela, você pode encomendar um vaso raro para o living de sua casa. Do couro da girafa, Luis Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pêlos da cauda para Teresa fazer um bracelete genial. A tartaruga marinha, meu Deus, é de um utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia!!! O casco serve para facilitar para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa... O biguá é engraçado.” “Engraçado, como?” “Apanha peixe pra gente.” “Apanha e entrega, professora?” “Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá, entendeu?” “Bobo que ele é.” “Não! É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo, devemos amar os animais e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu Ricardo?” “Entendi! A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos.”

Uma leitura imprescindível aos educadores que desejam aprofundar este aspecto da Educação Ambiental, é a obra *Educação Ambiental e Cidadania: cenários brasileiros*, organizada por Fernando Oliveira Noal e Valdo Hermes de Lima Barcelos. Um primeiro motivo, e que poderia encerrar a discussão, é o capítulo intitulado *O legado de Paulo Freire à Educação Ambiental*, escrito por Ana Maria Araújo Freire, viúva de Paulo Freire. Vamos saborear um pequeno trecho:

a educação ambiental começa ao fazermos compreensível a natureza, da qual, dizemos, ter os seus mistérios. Ela é misteriosa ou nossa ignorância ou vontade de destruí-la por ganâncias econômicas é que nos faz dizermos, muitas vezes, ser ela hermética, fechada em si mesma, ameaçadora, enigmática? Essa educação adquire significado importante, sobretudo, quando tornamos claro aos nossos educandos (as), a necessidade e a sabedoria de tornarmos respeitosa a nossa relação com a natureza. Precisamos entender que somos tão-somente um dos seus milhares de seres que, certamente, se diferencia dos outros seres dela, simplesmente porque temos a faculdade de saber e de saber que sabemos e que podemos saber mais, como tão lucidamente insistiu Paulo. (FREIRE, 2003, p.13).

Mas, outros motivos, em forma de capítulos, vão se desenhando à medida que avançamos na leitura da obra, que, fundamentalmente, trata da necessidade de recolocarmos a natureza em seu lugar de origem, ou seja, de entendermos que a finalidade da natureza é a própria vida, portanto, não destruir sua possibilidade de existência implica um agir ético, pois ela reclama um fim, a vida, da qual todos somos expressão.

Mais do que nunca, devemos ouvir a voz dos homens e mulheres que vivem na/da terra, os agricultores familiares, sertanejos, roceiros, caipiras, pessoas que não precisam racionalizar o discurso da preservação ambiental porque compartilham com o meio uma vivência carregada de

sentido, suficiente para sentirem a necessidade de sua perpetuação. A terra para eles é como o ar: se for tirada por alguns minutos, já atinge brutalmente o sentido da vida.

Concluimos, assim, a proposta metodológica de Educação Ambiental: *O Cerrado na Escola*. Cerrado, em nossa proposta, tem um sentido amplo que abrange pessoas, bioma, história, cultura, ecologia e geografia, ocupação, saberes, vivências e tradição. A Escola, por sua vez, também se refere a algo além das paredes de um prédio estático. Para nós, é um espaço de alquimia, de sentir o novo, de abraçar pessoas e idéias.

Por tudo isso, a Educação Ambiental também adquire um novo sentido: é abertura e interiorização, esforço para criar novidade e resgatar o que foi esquecido, concentração e movimento, angústia e esperança.